

NEOLOGIA E ERA DIGITAL A INFORMALIDADE DA LINGUAGEM NA WEB

Vilma de Fátima Soares (USP)
soaresvilma@usp.br

1. *Introdução*

Em um cenário em que as sociedades se organizam cada vez mais em torno de redes, promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens da nossa cultura, onde o espaço, ciberespaço, e o tempo, intemporal (CASTELLS, 1999), levantam-se questões sobre as novas formas de comunicação e relacionamento que acompanham a evolução tecnológica.

O processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos, mediante uma linguagem digital comum, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. Vivemos em um mundo que se tornou digital.

De acordo com Castells (1999), estamos vivendo um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII que, diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação está nas tecnologias da informação, processamento e comunicação.

Todo aparato tecnológico que hoje o homem moderno dispõe como interface de um mundo globalizado concorre para uma interação midiática quase que face-a-face, possibilitando uma veiculação da linguagem numa velocidade que só é possível no exato momento do ato enunciativo da fala.

Com a evolução da ciência e tecnologia, a linguagem, em seu dinamismo, também acompanha essa evolução num processo de atualização, criação e reciclagem, tanto em nível formal quanto informal de comunicação.

A Neologia, como campo de conhecimento que se ocupa dos fenômenos novos que aparecem nas línguas (CABRÉ, 2010), o neologismo como o resultado da necessidade de nomeação que determina a criação ou reciclagem de uma unidade lexical (ALVES, 2010), num processo dinâmico que vai da neologização à desneologização (BARBOSA, 1996), torna-se um estudo imprescindível na transição do novo.

Assim, sob os paradigmas da Era digital, partindo do pressuposto de que não podemos mais tratar as relações entre fala e escrita de maneira estanque e rígida, baseadas na perspectiva das dicotomias e que, neste novo cenário, o hibridismo é parte integrante, propomos uma reflexão sobre os aspectos que denominamos lexiconeológicos na variação do grau de formalidade da linguagem do jovem, em comunicação via Web.

Para tanto, embasados em estudos (neológicos e lexicológicos) de Alves, Barbosa e Cabré; (gíria, oralidade e gênero textual) Preti, Urbano, Hilgert e Marcuschi, estabelecemos como *corpus* de análise dois textos, assim denominados: Texto I: Diálogo Virtual e Texto II: A Carta, escritos e enviados por uma adolescente de 16 anos, identificada por “Bruxa”, em março e maio de 2004, via Web. O Texto I trata do diálogo entre duas jovens, Bruxa e Lua, em uma sala de bate-papo Religião, do site Terra, com duração aproximada de quarenta e cinco minutos. O Texto II trata-se de uma carta escrita por Bruxa, contendo oito páginas, enviada às amigas. O tópico principal, desenvolvido nos dois textos, está centrado no envolvimento amoroso virtual, tendo como subtópicos a traição amorosa e a decepção. Delimitado o *corpus*, por meio da análise comparativa dos dois textos, efetuamos observações sobre alguns aspectos comuns da língua falada e destacamos as gírias, as metáforas e as invencionices.

Assim, este artigo⁵⁵ parte de uma abordagem introdutória para encerrar em reflexões finais, respeitando a seguinte trajetória: 2. Aspectos linguísticos, fala e escrita em um *continuum* tipológico; 3. A informalidade da linguagem do jovem: o uso da gíria; 4. A Web como meio de comunicação, análise lexiconeológica; 5. Reflexões finais.

2. Aspectos linguísticos, fala e escrita em um continuum tipológico

A descrição de estruturas juntamente com a análise da relação das unidades constituintes da língua foi a maior preocupação da linguística em um passado recente.

Atualmente, a linguística estuda a língua considerando o seu contexto social de uso e produção, dedicando-se a aspectos funcionais, interacionais, sócio-históricos e discursivos. Os linguistas saem dos limites

⁵⁵ Artigo baseado em estudo desenvolvido para a disciplina de pós-graduação do curso de Letras (USP), “Oralidade na escrita” (2005), ministrada pelo Prof. Dr. Hudnison Urbano e aplicado na Dissertação de mestrado de Vilma de Fátima Soares (2009).

da palavra, da frase e do texto enquanto produto e enfocam os discursos e gêneros textuais.

De acordo com as novas tendências de estudo, não se pode mais tratar as relações entre fala e escrita de maneira estanque e rígida. As relações devem ser vistas dentro de um quadro mais amplo das práticas sociais e dos gêneros textuais.

Marcuschi (2001) afirma que os gêneros surgem emparelhados as necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. Considera que estamos presenciando uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita, com o uso da comunicação via Web, “escrever pelo computador é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita”.

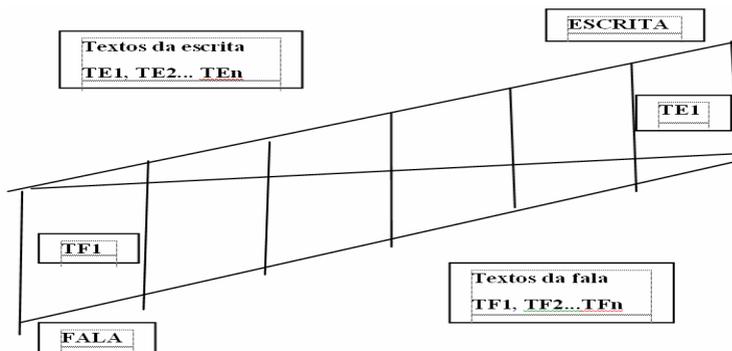
Marcuschi (2001, p. 27) sintetiza as tradicionais distinções entre fala e escrita da seguinte forma:

Fala: contextualizada, dependente, implícita, redundante, não planejada, imprecisa, não normatizada, fragmentária.

Escrita: descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada, completa.

Marcuschi (2001), Urbano (2004) e Hilgert (2001), entre outros, consideram que os gêneros textuais, desde os mais formais aos mais informais, distribuem-se num *continuum* e são determinados pela correlação entre as modalidades. Defendem a ideia de que fala e escrita devam ser concebidas como modalidades da língua em uma escala contínua.

Observem o *continuum* entre fala e escrita sugerido por Marcuschi (2001, p. 41) e apresentado por Hilgert (2001):



Conforme descrição de Hilgert (2001), o *continuum* se dá em dois planos: o superior representa o *continuum* da escrita; o inferior o da fala. São exemplos de TE1: textos acadêmicos, artigos científicos, textos profissionais, contratos, documentos oficiais. Na medida em que, a partir de TE1, formos observando TE2, TE3,...TE_n, continuaremos a identificar, do ponto de vista medial, textos escritos, os quais vão, contudo, gradativamente assumindo características da fala, passando então à concepção de textos falados. TF1 representa o texto falado prototípico, por ter, do ponto de vista medial, caráter fônico e por ser concebido essencialmente como falado. A partir de TF1, identificam-se sucessivamente os textos TF2, TF3,...TF_n, todos eles falados do ponto de vista de sua realização fônica, mas gradativamente concebidos como textos escritos, fato que se explicita nos textos das exposições acadêmicas ou de sermões. A ideia de *continuum* elimina a visão dicotômica entre fala e escrita e destrói o mito da superioridade da escrita.

3. *A informalidade da linguagem do jovem: o uso da gíria*

Quando se fala em linguagem do jovem é difícil não pensar em descontração, improviso, espontaneidade, gíria e, portanto, informalidade. A linguagem do jovem, como expõe Preti (2004, p. 97), se identifica com a sociedade contemporânea por sua dinâmica, sua capacidade de renovação, sua representação do atual e do novo, sua representação do espírito jovem. A chamada gíria jovem, linguagem de grupo restrito, com seu vocabulário herdado, em parte, das comunidades marginais (da própria gíria dos malandros, ou da antiga gíria dos hippies), tornou-se um signo grupal bem definido na sociedade moderna das grandes cidades, onde o jovem já passou, de fato, a ser classe social, muito mais que simples faixa etária da população.

É comum, nos dias de hoje, por exemplo, percebermos a crescente utilização da gíria na linguagem oral de cada grupo profissional, muitos deles de grande prestígio social (médicos, estudantes, jornalistas, advogados, economistas etc.) e que, no mundo moderno, cada vez mais tendem a pulverizar-se pelas crescentes inovações tecnológicas.

Muitos estudiosos como Preti, Urbano, Marcuschi, Alves, Barbosa, entre outros, estão atentos ao fenômeno da banalização lexical que tem conduzido os termos técnicos para os níveis de linguagem comum e coloquial, e a gíria comum identificada com o dialeto popular e comum, surgindo, naturalmente, em registros coloquial, comum e até formal. Pre-

ti (1984; 2004) observa que os fatos demonstram claramente uma tendência para um nivelamento linguístico, em torno de uma linguagem comum. Uma das questões sobre o estudo da gíria é como caracterizá-la enquanto gíria quando esta faz parte do nível comum da linguagem.

A gíria comum se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falantes. Constitui a parte mais viva da língua, na representação da efervescência dos grupos sociais, no mundo contemporâneo. É o fenômeno da moda linguística, afirma Preti (2004, p. 97).

Não se pode, portanto, nos dias de hoje, ignorar ou pretender desprezar a sua existência. Se no passado a razão de ser da gíria se justificava apenas por uma questão de preservação e proteção do hermetismo grupal, hoje a sua importância vai muito mais além e assume outras características que foi um dos motivos que nos levou ao estudo da informalidade da linguagem do jovem.

4. A Web como meio de comunicação, análise lexiconológica

Partimos do pressuposto de que o homem não concebe mais o mundo sem a invenção tecnológica do computador e quando se fala em diálogo, se pensa em *chat* ou em mensagens *online*, ao falar de correspondência, se pensa em *e-mail* e, quando se refere ao endereço, se pensa em endereço eletrônico.

O texto I, Diálogo Virtual, representa o *chat*, os interlocutores se sentem falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, construindo um texto falado por escrito. No diálogo pela Internet a identidade é temporal e não espacial sendo que, se for do desejo do destinatário, pode responder de forma instantânea. Na medida em que destinatador e destinatário forem alternando mensagens, instaura-se o diálogo virtual. Normalmente, para se comunicar por este canal, a pessoa precisa identificar-se com seu nome ou apelido, em nosso *corpus* a analisada usou o apelido de Bruxa. Mesmo que o diálogo esteja acontecendo por escrito, os interlocutores sentem-se numa interação falada e tentam suprir as características da fala com recursos como: caixa-alta para chamar atenção ou para representar o grito, alongamentos vocálicos, ênfases, por repetição de sílabas, o uso de reticências para pausas, expressões reduzidas e muitas outras invencionices.

Notem-se os exemplos:

BrUxA 03:11:10 reservadamente fala com LUA

agente ficava ate as 6 na net.....rs ele dizia q eu era o T de mulher.....**nossa**aaaaaaaa ele gastava horas de **tel cmg**

BrUxA 03:04:20 reservadamente fala com LUA

eu n entendia o **cara tipo**.....**era mo locura**

Observem que os marcadores conversacionais também são usados em várias posições nos diálogos virtuais, na troca de turno para mudar de assunto, para dar ênfase ou pedir aprovação.

BrUxA 03:02:36 reservadamente fala com LUA

Bom.... tempo passou...o belial nao podia ver o epicuro q quebravam pa.....**ii mo rolo**.....**e etc. etc. etc.**.....o belial nunca gostou dele

Apesar de escrita, a conversação via Web é concebida como fala, por ser essencial e intensamente dialoal, desenvolvendo-se por meio da alternância de turnos (HILGERT 2001, p. 15).

O Texto II, A Carta, representa o *e-mail*, a modalidade é escrita e pode ser familiar, em linguagem coloquial; comercial, em linguagem padrão; e até científico.

Em nosso *corpus* de estudo, a carta está em linguagem coloquial, familiar e, portanto, informal. A carta ou o bilhete, por mais informal que seja, ainda que marcados por uma concepção dialoal, pode ser concebido como um todo de sentido independente, constituindo um texto em si, afirma Hilgert (2001).

Observem o exemplo:

Bom eu pensei comigo mesma, **ptz q ridiculo, que tosko nada haver** essa ustificativa...porem...**Foi passando,,passando,,...passando**.....e ele vivia me elogiando, falando coisas belas, incinuando que gostava mesmo de mim, dando realmente provas do que sentia, **nossa**, nem gosto de falar nas palavras que ele me dizia, pois quero esquecer!.. e eu até pensava que se ele não sentia nada, ele não se justificaria tanto **e etc**.....**Bom** para mim foi dificil aceitar..

Essa forma de textualização (URBANO, 2001) é o que se pode chamar de gênero híbrido que mescla características da modalidade oral e escrita, em nosso estudo, em linguagem coloquial, com alto grau de informalidade.

5. Análise lexiconeológica

Observem os recortes dos textos:

Texto I:

BrUxA 02:47:08 fala com LUA
ai doida.mó historia longa

BrUxA 03:04:20 reservadamente fala com LUA
eu n entendia o cara tipo.....era mo locura

LUA 03:08:13 reservadamente fala com BrUxA
noooooosssaaaaa.....e ai?

BrUxA 03:12:35 reservadamente fala com LUA
ai eu falava p ele q meus pais tbm n ia aceitar.....etc.....ai ele fazia mo drama

BrUxA 03:20:14 reservadamente fala com LUA
o cara é mt galinha.....ptz.....p/ quase linda como torment ele diaa trabalha na loja do pai.....em rio preto,.....p/ mistica trabalhar em campinas e facul

Texto II:

.... **Bom** eu pensei comigo mesma, **ptz q ridiculo, que tosco nada haver** essa justificativa **porem...Foi passando,passando,...passando.....**e ele vivia me elogiando, falando coisas belas, incinuando que gostava mesmo de mim, dando realmente provas do que sentia, nossa, nem gosto de falar nas palavras que ele me dizia, pois quero esquecer!..

E que na verdade **eu tava gamadona nele!!! Ptz que merda.**

Pois um dia ele chegou me dizendo que ia na casa dos pais dele, para mostrar a minha foto..**ai beleza eu pensava cmg mesma po que doideira.mais td bem!!!**

6. A linguagem das metáforas

A metáfora é um recurso bastante usado por esta jovem. São comuns as metáforas que se relacionam aos animais, observem os exemplos:

Texto I:

BrUxA 03:20:14 reservadamente fala com LUA
o cara é mt galinha.....ptz.....p/ quase linda como torment ele diaa trabalha na loja do pai.....em rio preto,.....p/ mistica trabalhar em campinas e facul

Texto II:

E alias o Torment até me chavecava **que galinha!**

Mais é claro como que eu não vi antes..essa coisa de gasta interurbano acobrar e de vir aki e na casa de muitas outras.acaba sainda mais barato que **levar as piranhas aí para motel boatiz** e mt mais.....

7. *A linguagem das estruturas repetidas*

As estruturas repetidas, os marcadores, as abreviações, as expressões reduzidas também fazem parte da linguagem desta jovem, observem:

Texto I:

BrUxA 02:55:26 reservadamente fala com LUA

bom.....tinha uma época, em q eu começei a frequentar ak a sala.....**e tipo** o 2 dia conheci o belial.....e nao lembro oq q deu **q tava rolando mo sacanagem**,...rs.....e ele me chamou p/ **entra** na sala wicca c/ ele.....

BrUxA 02:55:39 reservadamente fala com LUA

perai q eu chego no S.....rs

BrUxA 02:56:48 reservadamente fala com LUA

e aí, ele (belial) chegou ja q vc e bruxa posso ser o cabo da vassoura e **bla**rs **aí roloooq tinha q rola**.....rs

Texto II:

Bom aí passou e ele pediu para mim ligar pela ultima vez.....**aí** dia seguinte eu liguei (acobrar).....**aí** ficamos uns 40 minutos ele falava que **tava** com saudades emocionado.e **tava mó voz de choro**..eu até feixava os olhos para ouvi lo.....nossa amo tanto ele.q merda!!!!

8. *A linguagem das invencionices*

As criações também são bastante frequentes para valorizar o estilo do jovem assim como o uso de estrangeirismo:

Texto I:

BrUxA 03:01:23 reservadamente fala com LUA

bom.....ai ele falava **p** mim ler a ultima frase e **bla bla**.....sei **q** ele me atormento até nao pode mais.....**vc** nao imagina...pois eu me preocupava **pq** ele sabia da ultima frase e tipo do belial **de d** mim.....

BrUxA 03:02:36 reservadamente fala com LUA

bom tempo passou..o belial nao podia ver o epicuro **q** quebravam pau.....ii mo rolo.....**e etc etc etc**.....o belial nunca gostou dele

BrUxA 03:14:59 reservadamente fala com LUA

afiiiiiii.....ele falou **q** iria vir **ak** me ver.....agente tava combi-
nando.....**e pa pa**.....

BrUxA 03:27:02 reservadamente fala com LUA

oky.

Texto II:

Bom **os loves** foram muitos, as desconfianças então nem se fale..as brigas irei tentar aos poucos resumir um pouco da minha dor, o que aconteceu, a pedidos de verdadeiros amigos meus! Bom, tudo comescou, quando eu entrei pelas primeiras vezes na **internet**, Eu entrei em **um chat**, e todos me receberam muito bem!, inclusive a Ag, a Sol, o Belial, a Lua, e outros... Que alias adoro muito!!!!

E hó , **nunca espere fazer pelos outros o que vc espera que eles façam por vc**!!.....' Que a Deusa, divida, reine entre **vcs miguxos (A)**.**QUE AMO TANTO**.....

9. A linguagem dos nomes alterados

É bastante comum encontrarmos na linguagem popular e na linguagem do jovem, nomes próprios com sua estrutura morfológica alterada, geralmente reduzida, com intenção crítico-humorística ou tentando reproduzir intimidade:

Texto II:

Bejão inorme especial p/ **Verii** que to morta de saudades! P Lara,p **Lena** (mistica)..saiba que te amo muito miga e que vc é mt mais que ele!!! E que não será ele que destruirá o que a gente criou..... p **Ro** que me deu mt força, p **Ag**, p **Lina**.p **Nene** e outros mais.....ops **Ca** se for ler isso.vc é uma grande mulher viu!

10. A linguagem das gírias e irreverências

Segundo Preti (2004) e Alves (2012), em decorrência da efemeridade da gíria e da constante renovação lexical e seu caráter neológico, é comum encontrarmos uma grande variedade de vocábulos para designar um mesmo assunto.

O lexicógrafo enfrenta alguns problemas ao elaborar um dicionário de gíria como a evolução semântica dos vocábulos e a precária e ocasional documentação escrita existente de *corpus* de língua falada.

Destacamos, nesta análise, a gíria comum, que pode, ou não, estar lexicalizada. Adotamos o critério lexicográfico para classificar as gírias: *Dicionário Houaiss* (2001) e *Dicionário de Gíria*, Gurgel e Serra (1998).

Observem as unidades gírias com tratamento lexicográfico quando existente:

MÓ:

Dicionário de Gíria: maior, mó barato, mó barraco

Obs: “Aí doida” é uma expressão gíria também muito usada pelo jovem. O Dicionário de Gíria registra: aí choque, aí fedeu, aí fodeu-se, etc.

Houaiss: não há registro

ROLO:

Dicionário de Gíria: confusão

Houaiss:

Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. **Uso:** informal.

alteração, briga que envolve muitas pessoas; confusão, distúrbio, tumulto **Derivação:** sentido figurado. Regionalismo: Brasil. **Uso:** informal perturbação da ordem; confusão.

ROLAR:

Dicionário de Gíria: Acontecer, “Deixa rolar”.

Houaiss: não há registro com este sentido

ROLINHOS BÁSICOS: ROLO

Dicionário de Gíria: Namoro

Houaiss: não há registro com este sentido

PUTZ:

Dicionário de Gíria: interjeição de surpresa ou espanto

Houaiss: não há registro

LOVES: não há registro (Neologismo)

APELAR:

Dicionário de Gíria: Usar de recursos escusos para conseguir qualquer coisa

Houaiss: invocar auxílio, proteção de (alguém ou algo) a fim de resolver um problema.

Regionalismo: Brasil. Uso: informal. recorrer a ex.: <a. para a violência; quando se vê sem dinheiro, apela>

QUE TOSCO NADA HAVER

TOSCO:

Não há registro no dicionário de gíria

Houaiss: Destituído de cultura, de refinamento, espiritual; inculto

Ex.: era uma gente limitada, t. de espírito ver tb. *Cafona*

Obs.: neste caso, a forma de expressão é que constitui a gíria

PÔ:

Dicionário de Gíria: Porra, “pô, não enche o saco.” Qualquer pessoa, “Não deu pô”.

Houaiss: Não tem entrada como pô, mas como porra

Uso: informal. algo muito ruim; porcaria, merda Ex.: vou jogar fora esta p. deste telefone celular ■ **interjeição**

expressão de surpresa, espanto Ex.: p.! que carrão você comprou!

expressa uma reação de dor ou aborrecimento Ex.: p.! quem deixou essa pedra no caminho? **Sinônimos** pô, poça, poxa...

e metemos malha. falamos o Diabo pra ele

METER MALHA: não há registro (sintagma verbal - Neologismo)

MALHAR:

Dicionário de Gíria: Falar mal

Houaiss: castigar fisicamente; bater, espancar

Derivação: sentido figurado. Uso: informal. Falar mal de; criticar, maldizer

Ex.:<malhava o rival com ironias contundentes>

METER:

Houaiss: Aplicar com violência

PUTA MERDA.....eu tava nos nervos com td isso

PUTA MERDA:

Dicionário de Gíria: Arre!

Houaiss: não há registro

Obs.: Verifica-se aqui não o uso da gíria em si, mas a irreverência do jovem, o uso do palavrão e da linguagem obscena, como coloca Preti (1984, 2004), uma forma de desabafo e de extravasar as emoções.

Nesta análise, observamos que o Texto I é língua falada digitada, entretanto não se pode considerá-la falada uma vez que não é utilizado o aparelho fonador. Podemos dizer que o texto digitado do *chat* reproduz o que a pessoa falaria em uma conversa espontânea. A fala é planejada na interação com o outro, neste caso cada intervenção por escrito é um turno, cujo sentido depende da relação com turnos anteriores e subsequentes, formando-se um todo de sentido somente na relação com vários turnos.

O texto II, A Carta, mesmo próximo da oralidade, observamos que mantém as características da modalidade escrita, planejada tanto do ponto de vista temático quanto linguístico-discursivo, não apresenta marcas de formulação e de reformulação e suas unidades são mais longas.

A seleção de vocábulos e expressões utilizadas pela jovem está mais próxima de uma linguagem coloquial, usada nas conversas entre amigos e do convívio familiar. Esta opção de escolha faz da linguagem escrita em análise, uma realidade de comunicação mais próxima da oralidade e, portanto, com um grau maior de informalidade. Podemos dizer que, tanto no Texto I quanto no Texto II, predomina a informalidade, sendo que o diálogo apresenta um grau de informalidade maior que a carta. Em um *continuum*, do ponto de vista medial, a carta em comparação ao diálogo está a uma posição adiante na direção da escrita.

11. Reflexões finais

Observamos que as gírias utilizadas pela adolescente não têm como objetivo a preservação de um grupo como concebe os grupos de gírias marginais e, sim, pertencem ao grupo de gírias comuns, também encontradas na linguagem comum.

O vocabulário gírio da jovem prima por expressões alegres e joviais, pela linguagem adesiva, agregativa, por expressões pitorescas e pela provocação. Sua função é, de certo modo, terapêutica e se apresenta como elemento facilitador do alívio tensional (uso de palavrões).

Constatamos que, mesmo em se tratando de uma linguagem informal, existem graus e variações dessa informalidade que podem ser analisadas em um *continuum*.

Ficam aqui algumas questões:

Podemos dizer que a gíria do jovem é uma atitude linguística de desrespeito intencional à norma estabelecida, mas não foge ao sistema?

O excesso de informalidade e permissividade na comunicação via Web pode comprometer os outros níveis de comunicação? Como administrar os excessos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1990.
- CABRÉ, M. Teresa. La neologia, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. In: ALVES, I. M. *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 13-33.
- CASTELLS, M. A revolução da tecnologia da informação. In: _____. *A sociedade em rede*. Trad.: Roneide Venâncio Majer. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. cap. 1. p. 49-53.
- GURGEL, J. B. Serra e. *Dicionário de gíria: modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro*. 5. ed. Brasília: J. B. Serra e Gurgel, 1998.
- HILGERT J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *Internet*. In: PRETI (Org.) *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984.

SOARES, Vilma de Fátima. *Estudo terminológico de espécies arbóreas: uma proposta para a popularização do conhecimento – do científico ao popular*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-02122009-104245/pt-br.php>

URBANO, H. *Oralidade na literatura: O caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.